

O goze de lermos 'Buracos no espelho'

■ Texto: **Maria Peteira**

■ Foto: **G.H.**

J á transcorrêrom seis anos entre a publicación *Do lusco-fusco* e este novo libro de relatos curtos do mesmo autor, José Alberte Corral Iglesias. Este dilatado treito dá conta da necesidade que pode ter este escritor de umha atmosfera psíquica que lle facilite a escritura, e também de um trabalho metódico indispensable para tirar do seu magim as histórias nas que sonhos e vida se entrelaçam. Ao igual que para os bons vinhos, talvez seja preciso a morosidade vagarosa dos anos para que aconteça a alquimia poética da criação. Talvez a vida careça de sentido em si, seja só um acidente ocorrido ao chou na matéria. Ai está a literatura para induzir, para sugerir, para representar e ajudar a compreendermo-nos. Quem sabe se essa reinvençom do nosso existir é a chave que nos permite achar as razões desse mesmo existir. Agora bem, se a obriga de todo escritor é, por umha banda, a de provocar interesse pola sua escrita e, pola outra, a de urdir novas realidades, podemos afirmar sem medo a trabucar-nos que com *Buracos no espelho* a finalidade está lograda.

A originalidade dos relatos de *Buracos no espelho* nom nega a veracidade das suas personagens, nelas percebemos um bocadinho de todos nós. Som narrações bem construídas, trabalhadas com mimo, nas que a desolaçom e o amargor discorrem baixo as palavras, mas estas nom bloqueiam o humanismo que percorre e alaga como rio acochado todo o libro. O autor cuida e mima cada expressom nos diversos jeitos de narrar para se melhor ajeitar às histórias e marcar-lhes assim o seu ritmo idóneo. Todos os contos tenhem a sua lógica própria e levam em si ao menos duas leituras; umha primeira, denotada, que nos conduz a outra segunda, conotada, a qual intuída polo leitor lle facilita reinventar o narrado. Corral Iglesias mergulha-se na psique das personagens para nos procurar os mais fundos deveços dos humanos e à vez mostrar-nos aquilo que decote se nos oculta, dando-nos a conhecer a realidade poliédrica do existir huma-

no. Se contar com leva sugerir, abrir janelas para que o homem dialogue consigo mesmo, as narrações deste libro póm à dispor dos leitores os utensílios para que imagine de novo as histórias. O contista evita as descrições nom necessárias e mexe com grande tino o ritmo e as palavras; à vez procurando com a depuraçom verbal precisa conseguir o microcosmos exacto para seduzir, e levar-nos a leitura do seus contos.

Tempos nom mui afastados, mitologias nas que descansam muitos dos nossos sonhos como povo, som o âmbito onde desenvolvem a sua existência os actores dos relatos. Os anseios, as pegadas e os sinais deixados polos nossos maiores abroham actualizados. Som histórias que viram essencialmente arredor da problemática da soidade e da luita pola de emancipaçom, entendida no eido existencial mais do que no político. A soidade e às vezes o desarraigo som os componentes do líquido amniótico no qual se acham assolagados muitos dos habitantes dos contos de *Buracos no espelho*, mas estas radicais situações servem-lhe para afundar no mais ámago de se mesmos e tirar de si a carragem precisa para estabelecer a urdime de apoio mútuo com os seus próximos e assim vencer o fracasso a que som condenados viver. Com este novo volume de contos, o autor amossa-nos o seu bom fazer, esculpindo a sua escrita com o golpe tenro e preciso da goiva nas palavras.

Quiçá escrever é um jeito de enganar à morte. É construir outro espaço, outra dimensom para voltar a viver e dizer aos demais que existimos. E nom fazemos nengumha descoberta ao afirmar que o contista Corral aninhava dentro do poeta. O autor nom muda os sonhos, segue identificado na sua narrativa, à vez que na sua poesia, com a vida e as circunstâncias dos humildes; escrevendo contos cheios de sensibilidade e tingindo alguns com esse humor do que Celestino Fernández de la Vega no seu libro, *O segredo do humor*, dizia que é umha das nossas características como povo e cultura. Mais nada me resta por dizer de *Buracos no espelho*, agás que é um libro de relatos curtos escrito com paixom pola palavra e para o goze literário do leitor.

